

John Green & David Levithan

WILL E WILL

Tradução
Inês Castro

ASA

capítulo um

Quando eu era pequeno, o meu pai costumava dizer:

– Will, podes escolher a dedo os teus amigos e podes meter o dedo no nariz para o limpar, mas não podes meter o dedo no nariz do teu amigo.

Esta observação parecia-me razoavelmente perspicaz aos oito anos, mas acontece que é incorreta sob alguns aspetos. Para começar, não é possível escolher a dedo os nossos amigos, ou eu nunca teria acabado com Tiny Cooper.

Tiny Cooper não é a pessoa mais *gay* do mundo e não é a pessoa maior do mundo, mas acredito que possa ser a maior pessoa do mundo que é muito, muito *gay* e também a pessoa mais *gay* do mundo que é muito, muito grande. Tiny é o meu melhor amigo desde o quinto ano, à exceção de todo o último semestre, quando ele andava ocupado a descobrir o alcance total da sua homossexualidade e eu ocupado a ter um Grupo de Amigos de verdade pela primeira vez na minha vida, grupo esse que acabou por Nunca Mais Falar Comigo devido a duas ligeiras transgressões:

1. Depois de um membro do conselho escolar ter ficado todo irritado com a presença de *gays* no balneário, defendi o direito de Tiny Cooper ser quer gigantesco (e assim o melhor da linha ofensiva da porcaria da nossa equipa de futebol americano), quer *gay* numa carta para o jornal da escola que, estupidamente, assinei.

2. Clint, um tipo desse Grupo de Amigos, estava a falar da carta na hora do almoço e chamou-me fanchono. Eu não sabia o que era um fanchono e por isso retorqui «O que queres dizer com isso?» E então ele chamou-me outra vez fanchono, altura em que lhe disse para ir à merda, peguei no meu tabuleiro e fui-me embora.

O que acho que significa que, tecnicamente, fui *eu* que abandonei o Grupo de Amigos, embora sentisse o contrário. Na verdade, nenhum deles parecia gostar de mim, mas estavam *por perto*, o que já é alguma coisa. E agora já não andam por perto, tendo-me deixado totalmente desprovido de companhia social.

Isto é, a não ser que se conte com Tiny. O que, suponho, deva fazer.

Emasportanto, algumas semanas depois de voltarmos das férias de Natal no 11.º ano, estou sentado no meu Lugar Marcado na aula de pré-cálculo quando Tiny entra a valsar vestido com o polo da equipa enfiada para dentro das calças de caqui, embora a temporada de futebol americano já tivesse acabado há que tempos. Todos os dias, Tiny consegue introduzir-se milagrosamente na carteira ao lado da minha na aula de pré-cálculo e, todos os dias, fico espantado por ele conseguir fazê-lo.

Assim, Tiny espreme-se na cadeira, fico devidamente espantado e depois ele vira-se para mim e sussurra bem alto porque, secretamente, quer que as outras pessoas ouçam:

– Estou *apaixonado*.

Reviro os olhos, porque ele apaixonava-se de hora a hora por algum pobre rapaz novo. Todos parecem iguais: magricelas, suados e bronzeados, a última coisa uma abominação, porque todos os bronzeados de fevereiro em Chicago são falsos e rapazes que

têm bronzeados artificiais, não me interessa que sejam *gays*, são ridículos.

– És tão cínico – diz Tiny, agitando a mão na minha direção.

– Não sou cínico, Tiny – respondo. – Sou prático.

– És um robô – continua ele.

Tiny acha que sou incapaz daquilo a que os humanos chamam emoção, porque não choro desde o meu sétimo aniversário, quando vi o filme *Todos os Cães Merecem o Céu*. Suponho que devesse ter percebido pelo título que o final não seria feliz, mas devo dizer em minha defesa que tinha sete anos. De qualquer modo, não choro desde essa altura. Não entendo muito bem qual o *interesse* de chorar. Além disso, acho que chorar é quase, tipo, exceto em caso de morte de parentes ou algo parecido, perfeitamente evitável se seguirmos duas regras muito simples: 1. Não nos importarmos muito com nada. 2. Calar a boca. Todas as coisas más que já me aconteceram derivaram do não cumprimento de uma dessas regras.

– Sei que é amor de verdade porque o *sinto* – explica Tiny.

Ao que parece, a aula começou sem que nos apercebêssemos porque o Sr. Applebaum, que, de forma ostensiva, nos ensina pré-cálculo, mas sobretudo me ensina que a dor e o sofrimento devem ser suportados de forma estoica, pergunta:

– Sentes o quê, Tiny?

– Amor! – exclama Tiny. – Sinto amor.

E todos se viram e se riem ou gemem para Tiny e, porque estou sentado ao lado dele e ele é o meu melhor e único amigo, estão também a rir-se e a gemer para mim e essa é precisamente a razão por que não escolheria Tiny Cooper como meu amigo. Ele chama demasiado a atenção. Além disso, tem uma incapacidade patológica para seguir qualquer das minhas duas regras. E assim anda por aí a valsar, a importar-se demasiado com as coisas e a falar sem parar e depois fica desorientado quando o mundo lhe caga em cima da

cabeça. E, claro, por causa da mera proximidade, isso significa que o mundo me caga em cima também.

Depois da aula, estou a olhar para dentro do meu cacifo, a pensar como consegui deixar *A Letra Escarlate em Casa*, quando Tiny se aproxima com os seus amigos da Aliança Gay-Hétero, Gary (que é *gay*) e Jane (que pode ser ou não, nunca perguntei), e diz:

– Parece que toda a gente pensa que declarei o meu amor por ti na aula de pré-cálculo. Eu apaixonado por Will Grayson. Não é a maior idiotice que já ouviste?

– Fantástico – respondo.

– As pessoas são tão idiotas – afirma Tiny. – Como se houvesse alguma coisa de errado em se estar apaixonado.

Gary geme. Se pudéssemos escolher os nossos amigos, eu consideraria Gary. Tiny aproximou-se de Gary, de Jane e do namorado de Gary, Nick, quando se filiou na AGH durante a minha comissão de serviço como membro do Grupo de Amigos. Mal conheço Gary, visto que só voltei a andar com Tiny há mais ou menos duas semanas, mas ele parece a pessoa mais normal com quem Tiny já fez amizade.

– Há uma diferença – observa Gary – entre estar apaixonado e anunciar o facto a meio da aula de pré-cálculo.

Tiny começa a falar, mas Gary interrompe-o.

– Quero dizer, não me entendas mal. Tens todo o direito de estar apaixonado por Zach.

– Billy – corrige Tiny.

– Espera aí, o que aconteceu com Zach? – pergunto, porque podia jurar que Tiny estava apaixonado por Zach na aula de pré-cálculo. Mas já se passaram quarenta e sete minutos desde a sua declaração pública, por isso talvez tenha mudado de ideias. Tiny já teve uns três mil e novecentos namorados, metade deles só na internet.

Gary, que parece tão desconcertado quanto eu com o surgimento de Billy, encosta-se aos cacifos e bate devagar com a cabeça no metal.

– Tiny, o facto de andares sempre no engate não é *nada* bom para a causa.

Levanto bem a cabeça para olhar para Tiny e digo:

– Podemos reprimir os boatos sobre o nosso amor? Prejudica as minhas hipóteses com as damas.

– Chamá-las «damas» também não ajuda – refere Jane.

Tiny ri-se.

– Mas a sério – continuo –, dou-me sempre mal com isso.

Tiny fita-me, sério desta vez, e acena um pouco com a cabeça.

– Só para que conste – afirma Gary –, podias ter escolhido pior do que Will Grayson.

– E escolheu – observo.

Tiny gira numa pirueta de balé para o meio do corredor e, a rir-se, grita:

– Querido Mundo, não sinto excitação por Will Grayson. Mas, mundo, há uma coisa que tens de saber sobre Will Grayson. – E então começa a cantar, um barítono da Broadway tão grande como a sua cintura. – Não posso viver sem ele!

As pessoas riem-se, apupam e batem palmas enquanto Tiny continua a serenata e eu me afasto para a aula de inglês. É uma longa caminhada que se torna ainda mais longa quando nos abordam e nos perguntam qual a sensação de ser sodomizado por Tiny Cooper e como se descobre o «pirilauzinho *gay* dele» atrás daquela barriga gorda. Respondo da mesma maneira de sempre: baixando os olhos e andando rápido e a direito. Sei que estão só a gozar. Sei que em parte conhecer alguém é ser mau para esse alguém ou algo assim. Tiny tem sempre qualquer coisa brilhante a ripostar, tipo «Para alguém que teoricamente não me quer, passas muito tempo a pensar e a falar sobre o meu pénis». Talvez isso resulte para Tiny, mas nunca funciona para mim. Ficar calado funciona. Seguir as regras funciona. Por isso calo-me e não dou a mínima, continuo a andar e em breve a coisa acaba.

A última vez que disse alguma coisa digna de nota foi quando escrevi a porra da carta sobre a porra de Tiny Cooper e a porra do seu direito de ser a porra de uma estrela na nossa horrível equipa de futebol. Não me arrependo nem um pouco de ter escrito a carta, mas arrependo-me de a ter assinado. Assiná-la foi uma clara violação da regra de ficar calado e vejam onde isso me levou: sozinho numa tarde de terça-feira, a olhar para os meus ténis pretos *Chuck Taylors*.

Naquela noite, não muito depois de ter encomendado piza para mim e para os meus pais, que ficaram, como sempre, até tarde no hospital, Tiny Cooper liga-me e, muito baixinho e rápido, desbobina:

– Parece que os Neutral Milk Hotel vão reunir-se para tocar num espetáculo no Hideout e não foi nada divulgado e nem sequer ninguém sabe de nada e merda, Grayson, merda!

– Merda! – exclamo. Uma coisa podemos dizer de Tiny: sempre que algo incrível acontece, ele é sempre o primeiro a saber.

Bem, em geral, não sou dado a arroubos de entusiasmo, mas os Neutral Milk Hotel mudaram a minha vida. Lançaram esse álbum absolutamente fantástico chamado *In the Aeroplane Over the Sea*, em 1998, e, desde então, nunca mais ninguém ouviu falar deles, em princípio porque o vocalista da banda vive numa caverna na Nova Zelândia. Mas, de qualquer forma, é um génio.

– Quando?

– Não sei. Só ouvi dizer. Vou ligar também para a Jane. Ela gosta deles quase tanto como tu. *Okay*, então. Vamos já para o Hideout.

– Estou literalmente a caminho – respondo, abrindo a porta da garagem.

Telefone à minha mãe do carro. Digo-lhe que os Neutral Milk Hotel estão a tocar no Hideout e ela pergunta:

– Quem? O quê? Estás a ir para um hotel?

E então cantarolo alguns acordes de uma canção deles e a minha mãe diz:

– Oh, conheço essa música. Está naquela *playlist* que me fizeste.

– Isso mesmo.

– Bem, tens de estar em casa às onze.

– Mãe, isto é um acontecimento histórico. A história não tem recolher obrigatório.

Mas ela afirma:

– Em casa às onze.

– Está bem. Caramba.

E então ela tem de ir extrair o cancro de alguém.

Tiny Cooper vive numa mansão com os pais mais ricos do mundo. Não creio que algum deles tenha um emprego, mas são tão revoltantemente ricos que Tiny Cooper nem sequer mora *na* mansão; vive na *cocheira* da mansão, sozinho. Tem três quartos naquela porra e um frigorífico, que tem sempre cerveja e os pais nunca o chateiam, por isso podemos lá ficar o dia todo a jogar jogos de vídeo de futebol e a beber *Miller Lite*, mas, na verdade, Tiny odeia jogos de vídeo e eu odeio beber cerveja, por isso o que fazemos sobretudo é jogar dardos (ele tem um alvo) e ouvir música, conversar e estudar. Acabei de começar a dizer o *T* de Tiny quando ele sai a correr do quarto, com um mocassim de pele preta calçado e o outro na mão, a gritar:

– Vamos, Grayson, vai, vai.

E tudo corre perfeitamente bem no caminho até lá. O trânsito não está muito mal na Sheridan e viro o carro como se estivesse no Indy 500. Vamos a ouvir a minha canção favorita dos NMH, «Holland, 1945» e depois apanhamos a Lake Shore Drive, as ondas do lago Michigan a bater nas rochas junto à estrada, as janelas um pouco abertas para o carro descongelar, o ar frio, sujo e tonificante a entrar e adoro o cheiro de Chicago. Chicago é água salobra do lago, fuligem, suor e gordura e adoro isso e adoro esta música e

Tiny está a dizer *Adoro esta música* e baixou a pala com o espelho para despentear o cabelo com um pouco mais de mestria. Isso faz-me pensar que os Neutral Milk Hotel *vão ver-me* com quase tanta certeza como os vou ver a eles, portanto, faço uma rápida inspeção no espelho retrovisor. O meu rosto parece demasiado quadrado e os meus olhos demasiado grandes, como se estivesse perpetuamente surpreendido, mas não há nada de errado em mim que possa corrigir.

O Hideout é um bar com mau aspeto feito de tábuas de madeira que fica enfiado entre uma fábrica e um edifício do Departamento de Transportes. Não tem nada de impressionante, mas já há uma fila à porta, apesar de serem apenas sete horas. Assim, junto-me à fila com Tiny durante algum tempo até que Gary e Jane Possivelmente *Gay* aparecem.

Debaixo do casaco aberto, Jane usa uma *T-shirt* de decote em V com «Neutral Milk Hotel» rabiscado à mão. Jane surgiu na vida de Tiny mais ou menos na mesma altura em que eu saí dela, portanto, na verdade, não nos conhecemos muito bem. Mesmo assim, diria que atualmente é a minha quarta melhor amiga e, ao que parece, tem bom gosto musical.

À porta do Hideout, à espera, ao frio cortante de enrugar a cara, ela profere um olá sem olhar para mim, eu respondo com outro olá e então ela diz:

– Esta banda é tão completamente fabulosa.

E eu digo:

– Eu sei.

Esta é se calhar a conversa mais longa que já tive com Jane. Pontapeio um pouco a gravilha, observo uma mininuvem de poeira a envolver-me o pé e depois explico a Jane que gosto muito de «Holland, 1945».

– Gosto das coisas menos acessíveis deles. As coisas polifónicas, barulhentas – responde ela.

Limito-me a assentir, na esperança que pareça que sei o que significa *polifónicas*.

Não se consegue segredar ao ouvido de Tiny Cooper, mesmo que sejamos razoavelmente altos como eu, porque a porra do gajo tem um metro e noventa e oito e, portanto, temos de dar-lhe uma palmadinha no ombro gigante e depois fazer tipo um sinal com a cabeça para avisar que queremos segredar-lhe ao ouvido e então ele inclina-se e perguntamos:

– Ei, a Jane é a parte *gay* da Aliança *Gay-Hétero* ou a parte hétero?

E Tiny Cooper curva-se para o meu ouvido e sussurra em resposta:

– Não sei. Acho que ela teve um namorado no nono ano.

Assinalo que Tiny Cooper teve cerca de 11 542 namoradas no nono ano e então ele dá-me um soco no braço de uma forma que ele pensa ser brincadeira, mas que, na realidade, me provoca lesão permanente no nervo.

Gary está a esfregar os braços de Jane para a manter quente quando *por fim* a fila começa a andar. Uns cinco segundos depois, vemos esse miúdo com ar inconsolável e é tal e qual o tipo de gajo pequeno, loiro, bronzado que Tiny Cooper gostaria e por isso Tiny pergunta:

– Que se passa?

E o miúdo responde:

– É só para maiores de vinte e um anos.

– Tu – tartamudeio para Tiny. – Tu, seu *fancho*. – Ainda não sei o que significa, mas parece apropriado.

Tiny Cooper franze os lábios e o sobrolho. Vira-se para Jane.

– Tens alguma identificação falsa?

Jane assente. Gary acrescenta logo:

– Eu também.

Estou a retesar os punhos, o maxilar cerrado, e apetece-me gritar, mas, em vez disso, digo:

– Tudo bem, vou para casa porque *eu* não tenho uma identificação falsa.

Mas nesse momento Tiny diz muito depressa e muito baixinho:

– Gary, dá-me um soco na cara com toda a força que conseguires quando eu estiver a mostrar a minha identificação e então, Grayson, passas por trás de mim nas calmas como se o teu lugar fosse lá dentro.

Ninguém diz nada durante um instante até que Gary exclama demasiado alto:

– *Hum*, não sei dar socos bem.

Estamos a aproximar-nos do segurança, que tem uma grande tatuagem na cabeça calva, por isso Tiny resmungava entre dentes:

– Sabes sim. Bate-me só com força.

Deixo-me ficar um pouco para trás a observar. Jane entrega a sua identificação ao segurança. Ele ilumina-a com uma lanterna, olha para ela e devolve-a. Depois é a vez de Tiny. Inspiro uma série de vezes muito rápido, pois li certa vez que as pessoas com muito oxigénio no sangue parecem mais calmas, e então vejo Gary a erguer-se nas pontas dos pés, a levar o braço atrás e a socar Tiny no olho direito. A cabeça de Tiny salta para trás e Gary grita:

– Oh, meu Deus, *ai ai*, merda, a minha mão.

E o segurança avança para agarrar Gary e Tiny Cooper vira o corpo para bloquear a visão do segurança e eu entro no bar como se Tiny Cooper fosse a minha porta giratória.

Uma vez lá dentro, olho para trás e vejo o segurança a agarrar Gary pelos ombros e ele a fazer uma careta e a olhar para a própria mão. Nesse momento Tiny põe uma mão em cima do segurança e diz:

– Pá, estávamos só no gozo. Mas essa foi boa, Dwight.

Levo um minuto a deduzir que Gary é Dwight. Ou Dwight é Gary.

O segurança comenta:

– Ele acertou-te na porra do olho.

Tiny responde:

– Estava a dever-me uma.

E de seguida Tiny explica ao segurança que tanto ele como Gary/Dwight são jogadores da equipa de futebol da Universidade DePaul e que antes, na sala de musculação, Tiny o tinha controlado com pouca atenção ou algo assim. O segurança refere que jogava na linha ofensiva no secundário e, de repente, estão todos em amena cavaqueira enquanto o segurança dá uma olhadela à identificação extraordinariamente falsa de Gary e logo estamos os quatro dentro do Hideout, sozinhos com os Neutral Milk Hotel e uma centena de desconhecidos.

O mar de gente que rodeia o bar afasta-se e Tiny compra duas cervejas e oferece-me uma. Recuso.

– Porquê Dwight? – pergunto.

– Na carta de condução, ele é Dwight David Eisenhower IV – responde Tiny.

– Afinal, onde raio toda a gente arranjou uma identificação falsa?

– Há sítios para isso.

Decido que vou conseguir uma.

– Bem, acho que vou beber uma cerveja – digo, sobretudo porque quero ter alguma coisa na mão.

Tiny passa-me a que já começou a beber e depois aproximo-me do palco sem Tiny, sem Gary e sem Jane Possivelmente *Gay*. Somos só eu e o palco, erguido a apenas uns sessenta centímetros, de modo que se o vocalista dos Neutral Milk Hotel for particularmente baixo, tipo se tiver uns um metro e vinte, logo estarei a fitá-lo diretamente nos olhos. Outras pessoas aproximam-se do palco e em breve o sítio está a abarrotar. Já aqui estive para outro tipo de espetáculos para todas as idades, mas nunca assim, com a

cerveja em que não dei nenhum gole nem pretendo dar a transpirar na minha mão, os desconhecidos tatuados e com pírcingues à minha volta. Todas as almas no Hideout neste preciso momento são mais fixes do que qualquer tipo do Grupo de Amigos. Estas pessoas não acham que exista alguma coisa de errado comigo, nem sequer *reparam* em mim. Presumem que seja um deles, o que parece o verdadeiro auge da minha carreira do secundário. Aqui estou eu, numa noite para maiores de vinte e um, no melhor bar da segunda cidade dos Estados Unidos, a preparar-me para me contar entre as duzentas pessoas que verão o espetáculo de retorno da maior banda desconhecida da última década.

Esses quatro tipos surgem no palco e, embora não tenham *a menor* semelhança com os Neutral Milk Hotel, digo comigo mesmo que, não importa, só vi fotografias na *web*. Mas então eles começam a tocar. Não tenho bem a certeza de como descrever a música desta banda, a não ser dizendo que soa como cem mil doninhas a serem largadas num oceano a ferver. E depois o tipo começa a cantar:

Ela amava-me, yeah
Mas agora detesta-me
Ela fodia comigo, bro
Mas agora namora
Outros tipos
Outros tipos

Salvo no caso de uma lobotomia pré-frontal, não existe absolutamente a menor hipótese de o vocalista dos Neutral Milk Hotel alguma vez *pensar*, muito menos *escrever*, muito menos *cantar*, uma letra destas. E então percebo: esperei lá fora na rua gelada e mal iluminada, no meio do fumo dos escapes dos carros, e causei uma

possível fratura de ossos na mão de Gary para ouvir uma banda que, é manifesto, *não* são os Neutral Milk Hotel. E, embora ele não se encontre em lado nenhum no meio da multidão de fãs calados e atordoados dos NMH que me cerca, grito de imediato:

– Maldito Tiny Cooper!

No final da música, as minhas suspeitas confirmam-se quando o vocalista acolhido por um silêncio absoluto diz:

– Obrigado! Muito obrigado. Os NMH não puderam vir, nós somos os Ashland Avenue e estamos aqui para fazer *rock!*

Não, penso. *Vocês são os Ashland Avenue e estão aqui para fazer merda!* Batem-me no ombro, viro-me e dou de caras com essa miúda de vinte e poucos anos indescritivelmente atraente com um pírcingue nos lábios, cabelos de um vermelho-fogo e botas até à barriga das pernas. Declara em tom interrogativo:

– Pensámos que os Neutral Milk Hotel fossem tocar?

Baixo os olhos.

– Eu... – gaguejo um segundo – também. Estou aqui por causa deles.

A rapariga aproxima-se do meu ouvido e grita acima da afronta atonal e arrítmica à decência que são os Ashland Avenue:

– Os Ashland Avenue não são os Neutral Milk Hotel.

Alguma coisa na lotação da sala ou a estranheza da desconhecida tornou-me conversador e grito em resposta:

– Os Ashland Avenue é o que eles tocam para os terroristas para os fazer falar.

A miúda sorri e só nessa altura percebo que ela está ciente da diferença de idades. Pergunta-me onde estudo e eu digo:

– Evanston.

– No secundário?

– Sim, mas não digas ao tipo do bar.

E ela responde:

– Agora sinto-me uma pervertida de verdade.

– Porquê?

Mas ela só solta uma risada. Sei que a miúda não está a fim de nada comigo, mas mesmo assim sinto-me ligeiramente *cool*.

E então essa mão enorme pousa no meu ombro, olho e vejo o anel da formatura que ele usa no dedo mindinho desde o oitavo ano e percebo de imediato que é Tiny. E pensar que alguns idiotas afirmam que os *gays* têm bom gosto.

Viro-me e Tiny Cooper está a verter lágrimas imensas. Uma das lágrimas de Tiny Cooper poderia afogar um gatinho. E articulo só com os lábios O QUE SE PASSA porque os Ashland Avenue estão a tocar aquela merda demasiado alto para ele conseguir ouvir-me e Tiny Cooper entrega-me apenas o seu telemóvel e afasta-se. O telemóvel mostra o *feed* do Facebook de Tiny, exibindo uma atualização de estado.

Zach qnto mais penso nisso mais penso q estraguei uma gr amizade? Mas ainda acho que tiny é incrível.

Abro caminho por entre algumas pessoas até Tiny, puxo-lhe o ombro para baixo e grito-lhe ao ouvido:

– ISSO É MUITO MAU, PORRA.

E Tiny grita em resposta:

– FUI ABANDONADO COM UMA ATUALIZAÇÃO DE ESTADO.

– POIS, JÁ REPAREI. QUERO DIZER, ELE PODIA PELO MENOS TER ENVIADO UMA MENSAGEM. OU UM *E-MAIL*. OU ENVIADO UM POMBO-CORREIO.

– O QUE VOU *FAZER*? – berra-me Tiny ao ouvido.

Apetece-me responder «Espero que procurar um tipo que saiba que *incrível* não se escreve com e no fim», mas encolho apenas os ombros, dou-lhe uma palmadinha firme nas costas e levo-o para longe dos Ashland Avenue em direção ao bar.

O que acaba por se revelar um certo erro. Quando já estamos quase no bar, vejo Jane Possivelmente *Gay* perto de uma mesa alta. Diz-me que Gary se foi embora, indignado.

– Foi um golpe publicitário dos Ashland Avenue, ao que parece – explica.

– Mas nenhum fã dos NMH *jamais* ouviria esta porcaria.

Então Jane levanta a cabeça e fita-me, arregalando os olhos e fazendo beicinho.

– O meu irmão é o guitarrista.

Sinto-me um completo imbecil.

– Ah, desculpa, pá.

E ela diz:

– Bolas, estou a gozar. Se fosse, renegava-o.

A dado ponto da nossa conversa de quatro segundos, consegui perder Tiny, o que não é tarefa fácil, por isso conto a Jane como Tiny levou com os pés no Facebook e ela ainda se está a rir quando ele aparece na nossa mesa com uma bandeja redonda contendo seis *shots* de um líquido esverdeado.

– Eu na verdade não bebo – lembro a Tiny e ele acena com a cabeça. Empurra um *shot* para Jane, que se limita a negar com a cabeça.

Tiny engole um *shot*, faz uma careta e solta o ar.

– Sabe à piça ardente do demónio – diz Tiny e empurra outro *shot* na minha direção.

– Parece delicioso, mas passo.

– Como pode ele simplesmente – berra Tiny e bebe outro *shot* – dar-me com os pés – outro *shot* – no ESTADO dele depois de eu dizer que o AMO – mais outro. – O que se passa neste mundo maldito? – Outro. – Amo mesmo, Grayson. Sei que pensas que estou a ser ridículo, mas soube que o amava mal nos beijámos. Porra. O que vou *fazer*? – E depois abafa um soluço com o último *shot*.

Jane puxa-me a manga e curva-se para mim. Sinto o hálito quente dela no meu pescoço quando diz:

– Vamos ter a porra de um grande problema quando ele começar a sentir o efeito daqueles *shots*.

Concluo que Jane tem razão e, de qualquer modo, os Ashland Avenue são horríveis, por isso precisamos de ir embora do Hideout o mais rápido possível.

Viro-me para dizer a Tiny que está na hora de ir embora, mas ele desapareceu. Volto a lançar uma olhadela a Jane, que está a olhar para o bar com uma expressão de profunda preocupação. Logo depois, Tiny Cooper volta. Só dois *shots* desta vez, graças a Deus.

– Bebe comigo – diz ele e eu abano a cabeça, mas então Jane cutuca-me nas costas e percebo que tenho de fazer aquilo por Tiny.

Enfio a mão no bolso e entrego as chaves do carro a Jane. A única forma segura de evitar que ele trague o resto da bebida verde-plutónio é eu engolir um dos *shots*. Por isso pego no copo de *shot* e Tiny diz:

– Ah, ele que se foda, Grayson. Fodam-se todos.

E eu digo:

– Bebo a isso – e é o que faço e aquilo toca-me na língua e é como um *cocktail Molotov* em chamas, copo e tudo. Involuntariamente, cuspo o *shot* inteiro na camisa de Tiny Cooper.

– Um Jackson Pollock monocromático – observa Jane. – Temos de dar o fora. Esta banda é como tirar um dente *sem* anestesia – continua para Tiny.

Jane e eu saímos juntos, calculando (corretamente, como se verifica) que Tiny, envergando o meu *shot* de poeiras radioativas, nos seguirá. Como fracassei em ingerir as duas bebidas alcoólicas que Tiny me comprou, Jane atira-me outra vez as chaves num arco bem alto. Apanho-as e sento-me ao volante depois de Jane entrar para o banco de trás. Tiny tomba no banco ao meu lado. Ligo o motor e o meu encontro com imensa decepção auditiva chega ao fim.

Mas mal penso nisso a caminho de casa, porque Tiny não para de falar sobre Zach. Tiny tem dessas coisas: os problemas dele são tão enormes que os nossos podem esconder-se atrás deles.

– Como podemos *enganar*-nos tanto em relação a uma coisa? – pergunta Tiny, sobrepondo-se aos guinchos barulhentos da música dos NMH favorita de Jane (e a minha menos favorita).

Estou a passar pela Lake Shore e dá para ouvir Jane a cantar no banco traseiro, um pouco desafinada, mas melhor do que eu faria se cantasse em frente de outras pessoas, o que não faço por causa da Regra de Calar a Boca. E Tiny continua:

– Se não podemos confiar no nosso instinto, então vamos confiar em quê?

E eu retruco:

– Podes confiar na noção de que gostar de alguém regra geral acaba mal.

O que é verdade. Gostar não leva ao sofrimento de vez em quando. Leva sempre.

– O meu *coração* está partido – afirma Tiny, como se isso nunca lhe tivesse acontecido, como se isso nunca tivesse acontecido a ninguém.

E talvez seja esse o problema: talvez cada nova rutura pareça a Tiny tão radicalmente nova que, de certa maneira, não *tenha mesmo* acontecido antes.

– E tu num tás ajudar – acrescenta e é aí que percebo que ele está a articular mal as palavras.

Dez minutos para chegar à casa dele, se não apanharmos trânsito, e depois direto para a cama.

Mas não consigo guiar tão depressa quanto o estado de Tiny se deteriora. Quando saio da Lake Shore, e ainda faltam seis minutos, ele já está a arrastar as palavras e num choro alto, a falar sem parar sobre o Facebook e a morte da sociedade educada e coisas do género. Jane tem as mãos de unhas pintadas de negro a massajar

os ombros elefantinos de Tiny, mas parece que ele não consegue parar de chorar e eu estou a falhar todos os sinais verdes à medida que a Sheridan se desdobra devagar à nossa frente e o ranho e as lágrimas se misturam até que a *T-shirt* de Tiny não passa de um trapo molhado.

– Quanto falta? – pergunta Jane.

E eu respondo:

– Ele mora numa que sai da Central.

E ela diz:

– Caramba. Fica calmo, Tiny. Precisas só de dormir, querido. Amanhã vai parecer tudo um pouco melhor.

Por fim, viro para o caminho e desvio-me dos buracos na terra até pararmos atrás da cocheira de Tiny. Salto do carro e empurro o meu banco para a frente para Jane poder sair lá de trás. Damos a volta até ao lugar ao lado do condutor. Jane abre a porta, estende o braço por cima de Tiny, consegue, por um milagre de destreza, soltar o cinto de segurança dele, e diz:

– Muito bem, Tiny. Horas de ir para a cama.

E Tiny responde:

– Sou um idiota.

E depois solta um soluço que se calhar é registado na escala de Richter, no Kansas. Mas levanta-se e vai a cambalear até à porta das traseiras. Sigo-o, só para ter a certeza que ele se vai deitar sem problemas, o que acaba por ser uma boa ideia, porque ele não vai para a cama sem problemas.

Em vez disso, dá três passos na sala e para de repente. Vira-se e fita-me, os olhos a semicerrarem-se como se nunca me tivesse visto antes e não conseguisse perceber por que razão estou na casa dele. Depois despe a *T-shirt*. Ainda está a fitar-me com ar de dúvida quando, parecendo completamente sóbrio, diz:

– Grayson, é preciso que aconteça alguma coisa.

– Há?

– Porque, caso contrário, e se acabarmos como toda a gente lá no Hideout?

E eu estou prestes a repetir o *há*, porque aquelas pessoas eram muito mais fixe do que os nossos colegas do secundário e também muito mais fixe do que nós, mas depois percebo o que ele quer dizer. Ele quer dizer: e se nos tornarmos adultos à espera de uma banda que nunca mais vai voltar? Reparo que Tiny me fita de forma inexpressiva, a oscilar para a frente e para trás, como um arranha-céus ao vento. E então cai de cara no chão.

– Oh, caramba – exclama Jane atrás de mim e só então percebo que ela está ali.

Tiny, com o rosto enterrado no tapete, começa a chorar de novo. Fico a olhar para Jane por longos instantes e vejo um sorriso lento insinuar-se-lhe no rosto. Todo o rosto dela muda quando sorri, esse sorriso que lhe ergue as sobrancelhas, mostra os dentes perfeitos e lhe enrugam os olhos, que nunca vi ou em que nunca reparei. Torna-se bonita tão subitamente que é quase como um truque de magia, mas não é que a deseje ou algo assim. Não quero parecer um idiota, mas Jane não faz bem o meu género. O cabelo dela é tipo encaracolado de forma desastrosa e está quase sempre na companhia de rapazes. O meu género é um pouco mais feminino. E, para falar com franqueza, nem gosto tanto assim do meu tipo de miúda, quanto mais de outros tipos. Não que eu seja assexuado, só acho insuportável o Drama Romântico.

– Vamos levá-lo para a cama – diz ela por fim. – Não podemos deixar que os pais o encontrem assim de manhã.

Ajoelho-me e digo a Tiny para se levantar, mas ele continua a chorar sem parar, por isso Jane e eu colocamo-nos do lado esquerdo dele e empurramo-lo até ficar de costas. Salto por cima dele, baixo-me e seguro-o com firmeza pela axila. Jane faz o mesmo do outro lado.

– Um – diz Jane.

– Dois – continuo eu.

– Três – diz ela e geme.

Mas nada acontece. Jane é pequena, consigo ver-lhe a parte de cima do braço a estreitar-se quando retesa os músculos. E eu também não consigo levantar a minha metade de Tiny, por isso decidimos deixá-lo ali mesmo. Quando Jane acaba de colocar um cobertor em cima dele e uma almofada por baixo da cabeça, Tiny já rressona.

Estamos prestes a ir embora quando toda a produção de ranho de Tiny começa por fim a ter efeitos nocivos e ele principia a fazer uns barulhos horríveis que parecem roncoss, só que mais sinistros e também mais molhados. Inclino-me sobre a cara dele e vejo que está a inspirar e a expirar uns fios borbullhantes e nojentos de ranho dos últimos estertores da sua choradeira. Há tamanha quantidade daquela coisa que fico com medo que se engasgue.

– Tiny – chamo. – Tens de tirar esse ranho do nariz, meu.

Mas ele não se mexe. Por isso aproximo-me do ouvido dele e grito:

– Tiny!

Nada. Depois Jane dá-lhe uma estalada na cara, com bastante força. *Niente*. Só aquele rressonar horrível do tipo ronco que se afoga em ranho.

É aí que percebo que Tiny Cooper não pode meter o dedo para limpar o próprio nariz, contrariando a segunda parte do teorema do meu pai. E, pouco depois, com Jane a observar, refuto por completo o teorema quando estendo a mão e livro as vias respiratórias de Tiny do ranho. Resumindo: não posso escolher a dedo o meu amigo; ele não pode meter o dedo no nariz para o limpar; e eu posso, não, *tenho de*, meter o dedo por ele.